

## ***A Pedra do Ingá contada em quatro atos***

Sofia Marçal – Curadora da exposição

A exposição *Índice Itacoatiara do ingá* do artista e investigador João Lobo, parte do monumento ITACOATIARA<sup>1</sup> ou *Pedra do Ingá*,<sup>2</sup> onde se encontram gravadas gravuras pré-históricas. O artista fotografou as formas esculpidas no monolítico num contexto estritamente artístico de *índices* pré-históricos.

É importante dar a conhecer a cultura, a história e difundi-las, torna-las globais sem as desvirtuar. As fotografias aqui apresentadas são disso testemunho e remetem-nos para a necessidade de o artista registar e construir um trabalho circunscrito num pensamento direcionado para a problemática histórica e da sua representação artística.

Nestes trabalhos fotográficos João Lobo dialoga com indícios através de gradações luminosas e cromáticas captadas pela câmara. Os traços e registos que se encontram na pedra ganham importância sobre o olhar do fotógrafo. “ O mundo visível é novamente um mundo de traços onde o invisível recebe o encargo de impressionar-se no visível.”<sup>3</sup> Nessa circunstância foi possível fazer o cruzamento entre determinados registos gráficos e criarem-se novas leituras.

O artista opta por conceber uma narrativa expositiva em quatro actos. A exposição inicia-se com a apresentação de duas peças de madeira envelhecidas, peças que retratam as pedras e nos remetem para o passado, para a pré-histórica, para as gravuras rupestres. No seguimento, três molduras antigas com fotografias impressas em tela, molduras quebradas e sujas intencionalmente que dão a impressão que foram encontradas por acaso. No terceiro acto, cinco peças impressas em papel normal, representando a atualidade. Por fim, cinco peças de acrílico com fotografias em perspectiva tridimensional que nos transportam para o futuro. “As fotos, que brincam

---

<sup>1</sup> Itacoatiara é um vocábulo indígena que significa pedra pintada, pedra escrita. Procede do tupi ita: pedra e coatiara: pintado, gravado, escrito, esculpido.

<sup>2</sup> A pedra do Ingá mede 24 x 3m, é composta por rocha metamórfica coberta por inscrições antigas. Está localizada no Sítio Arqueológico das Itacoatiaras na cidade brasileira de Ingá. Apesar de ser reconhecido pelo Instituto do Património Histórico Artístico e Natural (IPHAN) do Brasil em 1944, esse Sítio é subaproveitado, pois ainda não conseguiu aceder e permanecer conservado na sociedade como ativo cultural. João Batista Nascimento Ribeiro, in: *A geoconservação e os aspectos do geoturismo do sítio arqueológico do Ingá: Um estudo das Pedras Itacoatiaras. Trabalho de Conclusão de Curso de Geografia na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)* e Luciana Arruda Falcão, Amada Gama Tavares e Ilana Kiyotani in: *Arqueoturismo: repensando o turismo nas Itacoatiaras do Ingá – PB.*

<sup>3</sup> Rosalind Krauss, in: *O fotográfico*, p.30.

com a escala do mundo, são também reduzidas, ampliadas, recortadas, retocadas, adaptadas, adulteradas. Elas envelhecem, afetadas pelas mazelas habituais dos objetos de papel; desaparecem; tornam-se valiosas e são vendidas e compradas; são reproduzidas. Fotos, que enfeixam o mundo, parecem solicitar que as enfeixemos também. São afixadas em álbuns, emolduradas e expostas em mesas, pregadas em paredes, projetadas como diapositivos. jornais e revistas as publicam; a polícia as dispõe em ordem alfabética; os museus as expõem; os editores as compilam.”<sup>4</sup> As várias formas de apresentação destes trabalhos conforme a época que querem representar, conferem-lhes um estatuto de guardiãs da veracidade artística.

Citando João Lobo, “assinalamos as questões fundamentais da história da arte pré-histórica, sobre representação e abstração que essa proposta artística pode anunciar. As imagens de ÍNDICE *itacoatiara do ingá* possuem uma perspectiva puramente artística do monumento arqueológico. Sendo assim, promove a discussão sobre a transformação de artefactos arqueológicos em criações artísticas, sobretudo de sítios pré-históricos. Pois, quando o fotógrafo desenvolve uma criação artística a partir de algo que já está criado, pode incorrer em apenas retratar a realidade.” Em direção oposta ao realismo social, João Lobo preferiu o sonho e o mundo de formas voláteis que a luz às vezes sugere, mesmo por vezes sendo onírica, com a dimensão ilusória que se projeta sobre o real e que leva à procura de interfaces entre o que existe e o que se pretende que exista.

Estamos perante uma exposição com trabalhos fotográficos artístico-documentais. A fotografia documental, além de difusora de informações, é também provedora de prazer estético e formadora de opinião. João Lobo procura nas suas obras recuperar, através dos detalhes de alguns signos desse grande painel de gravura, a magia que certamente envolvia os cultos lá praticados. Para Jacques Aumont a grande revolução fotográfica era “fixar o tempo com o espaço.”<sup>5</sup> Aqui, no museu o artista pretende valorizar o património cultural brasileiro e reposicionar este importante monumento monolítico na atenção do poder governamental e dos agentes culturais.

Esta exposição também pretende celebrar os duzentos anos de independência do Brasil.

---

<sup>4</sup> Susan Sontag, in: *Sobre fotografia*, p.15.

<sup>5</sup> Jacques Aumont, in: *O olho interminável*, p. 80.